

A Influência do Clima Psicossocial da Família no Desenvolvimento Vocacional*

Carlos Gonçalves**
Joaquim Luís Coimbra***

Partindo duma abordagem ecologico-desenvolvimental e duma perspetivação do desenvolvimento vocacional como um processo reconstrutivo da relação de investimento do sujeito com o mundo, pretende-se, especificamente, estudar qual a relação que o ambiente psicossocial da família estabelece com o desenvolvimento vocacional, salientando os resultados mais relevantes a que se tem chegado na investigação e, simultaneamente, indicando as limitações ou questões em aberto sobre a problemática em causa. Avançam-se, como hipóteses, algumas dimensões configuradoras do ambiente psicossocial da família que facilitam o processo de exploração vocacional, pelo proporcionar de experiências, contactos, interacções familiares significativas, susceptíveis de ajudar o jovem a questionar, desafiar e transformar a sua actual relação com o mundo em ordem à reconstrução do investimento vocacional.

O desenvolvimento vocacional foi durante muito tempo conceptualizado ao nível do intrapsíquica, circunscrito aos interesses, aptidões e valores inatos ao sujeito que era imperioso "descobrir". Esta perspectiva, que dominou as práticas de orientação e cuja influência se encontra longe de estar extinta, é a que melhor reflecte as expectativas e crenças sociais sobre as questões vocacionais, fazendo apelo à mera cristalização das características/traços do sujeito, inviabilizando objectivos de transformação e desenvolvimento (Campos & Coimbra, 1991).

Esta forma de abordar o desenvolvimento vocacional negligencia ou, pelo menos, minimiza o impacto que os contextos de vida, como a família, os pares, a escola e a comunidade de pertença têm sobre os sujeitos, como desencadeadores do processo de transformação e desenvolvimento psicológico.

* Comunicação apresentada no III Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Lisboa, 8-10 de Dezembro de 1995, no Simpósio "Orientação Escolar e Profissional".

** Assistente Estagiário da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Membro do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

*** Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Membro do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

Na abordagem que orienta esta reflexão propõe-se que o desenvolvimento vocacional se processa ao longo do ciclo vital, na relação que o sujeito psicológico estabelece com o mundo, produtora de significados idiossincráticos construídos pelo sujeito, tendo como objectivo a exploração dos investimentos dos sujeitos em ordem a transformá-los, porque é da qualidade das experiências exploratórias e desafiantes que os contextos de vida proporcionam ao sujeito que dependerá a qualidade do desenvolvimento vocacional.

O objectivo deste trabalho pretende ser mais um contributo para promover a reflexão sobre a influência explícita ou implícita que a família, nomeadamente os pais, tem sobre o desenvolvimento vocacional dos seus filhos, para que de forma intencional, no seu papel de educadores privilegiados e como primeiro contexto de vinculação, possam proporcionar aos adolescentes e jovens um ambiente familiar securizante, oferecendo-lhes oportunidades, experiências e apoios qualificados nesta vertente do seu desenvolvimento psicológico.

A perspectiva ecologico-desenvolvimental como grelha de compreensão do desenvolvimento vocacional

Até aos finais dos anos 70, prestou-se uma atenção reduzida, na investigação, à influência

dos contextos de vida no desenvolvimento vocacional de jovens. Embora Super (1980) já tenha incluído nas suas formulações uma componente ambiental, reconheceu que estas variáveis eram descuradas na investigação sobre o desenvolvimento vocacional. Mesmo quando os estudos têm em linha de conta o ambiente em que o desenvolvimento ocorre, os resultados destes, normalmente, não nos dão informações sobre o que acontece nesses ambientes, mas apenas sobre o modo como pessoas de diferentes contextos diferem umas das outras; isto é, presta-se atenção ao resultado final do processo e não tanto ao processo em si. Ora, tal atitude contribuirá muito pouco para aumentar a nossa compreensão sobre o modo como os diferentes contextos influenciam o processo do desenvolvimento psicológico geral e o desenvolvimento vocacional em particular, de forma a rendibilizar as intervenções nesses contextos para transformar a qualidade psicossocial dos mesmos.

Em parte, o problema tem a sua explicação no facto de os teóricos e investigadores não disporem de grelhas conceptuais desenvolvimentais que lhes permitam articular as variáveis pessoais com as dos contextos de vida (Vondracek, Lerner & Schulenberg, 1986; Young, 1983).

O modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979) proporcionou um enquadramento teórico adequado para orientar a investigação do desenvolvimento vocacional em contexto. Esta perspectiva assemelha-se a uma série de estruturas que se encaixam e se interligam umas nas outras, no centro das quais está o sujeito em desenvolvimento, permitindo-nos compreender que o desenvolvimento humano ocorre em quatro sistemas hierarquicamente interrelacionados.

Nos contextos imediatos, os microsistemas, onde o desenvolvimento ocorre, o indivíduo apresenta padrões de funcionamento, actividades, relações interpessoais e papéis identificáveis, envolvendo-se em interacções directas ou indirectas ao ponto de influenciar, a níveis diferentes, os vários subsistemas, bem como de ser influenciado por estes. Ou seja, o indivíduo não é um recipiente passivo do contexto de forças envolventes; o impacto dos contextos de

vida sobre o desenvolvimento vocacional pode ser conceptualizado como o resultado das dinâmicas interactivas entre o desenvolvimento individual e os contextos em constante mudança (Vondracek, Lerner & Schulenberg, 1986).

No caso presente, a intenção é a de incidir no microsistema família, enquanto primeiro contexto de vinculação, produtor de significados estruturantes/estruturadores da auto-organização do sujeito, com o objectivo de verificar em que medida as figuras de vinculação têm um impacto significativo no desenvolvimento vocacional dos jovens, nas suas percepções, expectativas, construções e mitos acerca do mundo do trabalho e das formações, e reflectir sobre como estas influências podem ou não ser facilitadoras de comportamentos de exploração vocacional dos jovens. Ou seja, pretende-se perceber o que os pais, implícita ou explicitamente, fazem para influenciar o processo de construção dos projectos de vida dos seus filhos.

A perspectiva ecológica do desenvolvimento humano proporciona uma reconceptualização do desenvolvimento vocacional no contexto de interacções significativas e dinâmicas entre o sujeito e os contextos de vida, percepcionando-se o desenvolvimento vocacional como um processo desconstrutivo/reconstrutivo de significados e representações que o self estabelece na relação com a família e a comunidade de origem (Vondracek, Lerner & Schulenberg, 1986).

Alguns dados da investigação sobre a influência da família no desenvolvimento vocacional

Embora se tenha atribuído à família, nomeadamente aos pais, uma importante influência no desenvolvimento vocacional dos seus filhos, os processos pelos quais esta influência real ocorre continuam a não ser muito bem percebidos, porque muitos dos estudos realizados têm carecido de uma perspectiva psicológica, tendo-se centrado, quase que exclusivamente, sobre os produtos finais (conteúdos) da escolha: como a formação escolhida, o nível de estatuto alcançado e a profissão, descuidando os processos subjacentes

às escolhas vocacionais (Blustein, Devenis & Kidney, 1989; Grotevant & Cooper, 1988; Young, 1983). Uma vasta gama de factores sociais relacionados com a família (por exemplo, a configuração da família, o nível socio-económico, o emprego da pai e da mãe, a socialização diferenciada de homens e mulheres) têm sido identificados pela investigação como determinantes para o desenvolvimento vocacional dos jovens (Block, 1983; Schulenberg, Vondracek & Crouter, 1984). No entanto, investigações recentes, centradas nas abordagens da vinculação, dão mais relevância a variáveis tipicamente psicológicas, de carácter relacional, envolvendo pais e filhos, como a separação psicológica, a vinculação parental, os estatutos de identidade, as percepções dos pais e dos filhos sobre essa influência e o clima familiar, entre outras, que têm um maior impacto no desenvolvimento vocacional (Blustein, Devenis & Kidney 1989; Blustein, Walbridge, Friedlander & Paladino 1991; Grotevant & Cooper, 1985 e 1988; Hoffman, 1984; Lopez & Andrews, 1987; Young, 1994).

Tematiza-se, de seguida, algumas conclusões da investigação realizada neste domínio para verificar o impacto do *background* familiar na construção dos projectos vocacionais dos filhos. Em primeiro lugar apresenta-se uma revisão que resulta da literatura com uma tradição sociológica para, de seguida, reafirmar a relevância das abordagens relacionais que nos permitem uma maior compreensão da influência recíproca e transaccional da família no processo do desenvolvimento vocacional.

O estatuto socio-económico e cultural dos pais

A investigação revela que o estatuto socio-cultural e económico representado, sobretudo, pelos níveis de educação e profissional do pai, mas também, em menor grau, da mãe, é determinante na construção e planeamento dos projectos vocacionais dos filhos, apresentando-se como um indicador do sucesso profissional destes. Ou seja, o nível socio-económico das famílias influencia as expectativas de formação/profissão dos jovens. "N.S.E. gera N.S.E.", nomeadamente nos filhos rapazes, justificando-se tal diferença pelo carácter sexista

da educação (Schulenberg, Vondracek & Crouter, 1984).

Assim, as representações socio-profissionais, como o prestígio, os estereótipos associados às profissões (nomeadamente ligados ao género), os valores profissionais e os mitos são veiculados através de mensagens intencionais ou não intencionais transaccionadas no contexto familiar.

Os pais tendem a transmitir aos filhos as suas valorizações da realidade do mundo do trabalho, isto é, as dimensões que eles próprios consideram importantes e nucleares para o sucesso profissional. Assim, por exemplo, os pais de níveis socio-económicos mais elevados, onde o sucesso profissional depende da capacidade de auto-direcção, valorizam muito mais a autonomia dos filhos e proporcionam experiências exploratórias que vão no sentido da competitividade, independência, auto-suficiência e assertividade. Pelo contrário, os pais de níveis socio-económicos mais desfavorecidos, onde o sucesso profissional depende da conformidade à autoridade, valorizam mais as atitudes de obediência na educação dos seus filhos, reduzindo assim as oportunidades de exploração vocacional e as suas expectativas de formação e sucesso profissional (Hoffman, 1984; Imaginário, 1990).

Parece também importante sublinhar que nem todos os adolescentes e jovens têm as mesmas possibilidades de acesso às oportunidades de exploração; ou seja, ocasiões de estabelecer directa ou simbolicamente relações cognitivo-emocionais com a realidade das formações e profissões através de contactos, experiências e recolha de informações relevantes para a reconstrução dos investimentos vocacionais. Em certos casos, a exploração é um privilégio que resulta de pertencer a uma família com um determinado estatuto socio-económico. Assim, por exemplo, adolescentes e jovens provenientes de níveis sócio-económicos baixos, cujas famílias manifestam necessidades básicas, estão impedidos de alargar o tempo de moratória vocacional, durante o qual poderiam explorar projectos alternativos, porque, para além dos constrangimentos económicos salientados, as expectativas dos níveis de formação e profissão

veiculadas na família e nos outros microsistemas vão no sentido da manutenção dos *ghettos* e perpetuadores dos *déficit's* sociais de origem (Smith, 1983).

As práticas de socialização diferenciadas e sua influência na escolha de projectos marcados pelo papel sexual

As práticas de socialização diferenciadas parecem ter um papel relevante no que diz respeito à construção de projectos vocacionais cujos conteúdos estejam conotados com a identidade de género. As investigações realizadas sobre o desenvolvimento vocacional das raparigas têm evidenciado a existência de diferenças nos padrões de socialização vivenciados no contexto familiar, constatando-se uma maior interacção e identificação com a figura significativa do mesmo género, tendo, como consequência, não só uma diferenciação de comportamentos entre rapazes e raparigas, mas também uma diferença no sentido das expectativas de formação e profissão, penalizando e reduzindo as oportunidades às raparigas (Block, 1983).

Tradicionalmente, os pais esperavam das suas filhas uma forma feminina de ser, evitando excessivas manifestações de características percebidas como masculinas, como a competição, independência, assertividade e competência. Esperava-se delas que se identificassem com papéis expressivos: amáveis, afectivas, acolhedoras. Estas práticas de socialização sexualmente diferenciadas acarretam, nas raparigas, custos em características como a instrumentalidade, a assertividade ou a auto-estima, que são consideradas determinantes para o sucesso no mundo do trabalho. Como consequência, as ocupações tradicionalmente femininas tendem a cristalizar-se no domínio dos serviços como: professor, assistente social, enfermeiro..., grupos profissionais que normalmente são considerados socialmente com estatutos menos elevados, com menores recompensas económicas e inferior posição na hierarquia organizacional. Por outro lado, dos rapazes espera-se perfis de independência, competitividade, auto-suficiência, autonomia, objectivos definidos, papéis de liderança e

orientação para profissões de prestígio social tendencialmente mais forte (Young, Friesen, Turner & Johanna, 1994).

Segundo Block (1983), a diferenciação das práticas de socialização é justificada pelo facto de as raparigas experienciarem um processo de socialização mais restritivo, sendo incentivadas, no contexto familiar, a imitar os comportamentos maternos, o que acaba por lhes limitar as possibilidades de experiências exploratórias fora de casa, enquanto que os rapazes são encorajados a desenvolver autonomamente estratégias exploratórias fora do ambiente familiar. A autora vê este distanciamento parental vantajoso para os rapazes e a proximidade/restricção como um factor inibidor para as raparigas em relação ao seu desenvolvimento vocacional.

Investigações mais recentes demonstram, no entanto, que as diferenças tendem a esbater-se. As jovens tendem a alargar as suas expectativas de carreira para além das profissões conotadas socialmente como femininas, atribuindo-se este facto, entre outros, à mutação das práticas de socialização e à generalização social do trabalho da mulher (Young, Friesen, Turner & Johanna, 1994).

Vários estudos apontam no sentido de que uma mutação dos comportamentos parentais nas práticas educativas podem levar as raparigas a alargar a sua concepção do papel feminino e do seu potencial sucesso, estimulando o aumento da exploração vocacional. Concretamente, verificou-se que o encorajamento do pai era predictivo de uma escolha por parte das filhas em formações/profissões não tradicionalmente femininas (Fitzgerald & Betz, 1983). Lemkua (1979) concluiu que mulheres com altas aspirações profissionais tinham maior probabilidade de ter pais com elevados níveis de educação, mães trabalhadoras e de provirem de ambientes familiares incentivadores do êxito, da independência e de uma activa exploração do meio. A ausência de pressão sobre as mulheres no sentido de escolher papéis tradicionalmente femininos era predictivo da realização de escolhas vocacionais socialmente prestigiadas.

Quanto à generalização do emprego da mulher, parece que as mães que exercem uma

profissão e experienciam um nível de satisfação com o seu trabalho em profissões de médio ou elevado prestígio social influenciam as percepções dos papéis sexuais e as aspirações profissionais, sendo tais influências mais óbvias nas filhas, sobretudo no que se refere às suas aspirações profissionais, relacionadas com as carreiras menos ligadas tradicionalmente ao género. Assim, os filhos cujas mães têm uma profissão tendem a adoptar uma percepção menos estereotipada do papel do homem e da mulher, os rapazes percebem os homens como mais expressivos e as raparigas têm uma perspectiva das mulheres como mais competentes e com desempenho de papéis mais instrumentais, em virtude de os pais partilharem, com maior frequência, as tarefas domésticas e parentais, assumindo atitudes mais igualitárias sobre os papéis sociais do homem e da mulher (Hoffman, 1979).

No entanto, os homens são mais relutantes em abdicar da sua orientação para a carreira com uma conotação social mais masculina. Esta resistência, por parte dos homens, de escolherem profissões conotadas socialmente com o sexo feminino, confirma as investigações de Gottfredson (1981), segundo as quais, quando os jovens se encontram numa fase de realizar um compromisso vocacional, o elemento que mais pretendem preservar do seu auto-conceito e da sua auto-organização é a identidade de género, por ser uma dimensão central do self social que resiste a ser ameaçado ou questionado.

O suporte emocional da família

Várias investigações têm mostrado que contextos familiares que garantem segurança emocional, em que os pais oferecem encorajamentos com um carácter mais simbólico/expressivo do que material/instrumental, produzem um forte impacto nas intenções de exploração e investimento profissional quer nos rapazes quer nas raparigas. Os encorajamentos da família, tal como os da comunidade escolar, têm sido referidos como facilitadores do investimento das raparigas em cursos superiores e de uma maior motivação para a orientação de profissões não conotadas tradicionalmente como femininas (Farmer, 1980).

Assim, a variável suporte emocional seguro por parte dos outros significativos é mais facilitadora do desenvolvimento vocacional dos jovens em geral, sem discriminação do género, do que a variável socio-económica, que parece privilegiar os rapazes em detrimento das raparigas (Farmer, 1985).

Os estudos empíricos de Blustein, Walbridge, Friedlander e Paladino (1991) revelam que uma vinculação segura, que garante a separação psicológica das figuras parentais, para ambos os sexos, está positivamente relacionada com comportamentos de exploração e investimentos vocacionais e inversamente correlacionada com uma tendência para assumir projectos vocacionais outorgados pelos outros significativos. Estes dados estão de acordo com as abordagens mais recentes da vinculação, afirmando que da qualidade da vinculação pais-filho dependerá a promoção de comportamentos exploratórios e de autonomia ao longo do desenvolvimento (Ainsworth, 1989; Grotevant & Cooper, 1985; Youniss, 1983; Youniss & Smollar, 1985). Hartup (1979) defendeu que a segurança das relações familiares promove competências de autonomia nos filhos, envolvendo-os na exploração do mundo exterior à família, no domínio das relações com os pares e das escolhas vocacionais.

Enquanto os modelos tradicionais psicodinâmicos acentuavam a oposição e antagonismo entre vinculação e autonomia (fazendo depender a construção de novos laços afectivos da ruptura com os já existentes), os modelos mais recentes da vinculação encaram-nos como processos complementares e igualmente importantes do desenvolvimento dos jovens. Nestas abordagens, a individuação tem sido operacionalizada em termos de padrões de comunicação/interacção pais-filhos que reflectem a vinculação e a autonomia, aparecendo como dimensões complementares e não mutuamente exclusivas (Cooper & Grotevant, 1983, 1985, 1986; Soares & Campos, 1988).

Estas conclusões fazem-nos admitir que os estilos de vinculação/separação com as figuras significativas ao longo da história desenvolvimental não só interferem nos processos auto-referenciais que estão subjacentes à auto-organização do *self*, como terão incidências a

nível dos *outputs* vocacionais. Ou seja, pais que garantem padrões de vinculação seguros ao longo do desenvolvimento dos seus filhos proporcionarão uma maior gama de oportunidades de exploração vocacional e incentivarão os seus filhos à construção de expectativas de formação/profissão mais elevadas; por outro lado, padrões de vinculação inseguros (super-protector, evitante, ambivalente e marcado por perdas inibirão os comportamentos exploratórios de autonomia do jovem em relação ao mundo (Grotevant & Cooper, 1988).

As representações dos pais e dos filhos quanto à influência parental no desenvolvimento vocacional

Se, por um lado, as investigações têm demonstrado que há uma influência poderosa por parte da família na construção de projectos vocacionais dos jovens, por outro lado, não é tão evidente como são percebidas estas influências parentais pelos próprios adolescentes. Os resultados das investigações são conclusivos a este respeito.

Sebal (1986) constatou que os adolescentes solicitavam, com frequência, a opinião dos seus pais para a perspectivação do seu projecto vocacional, produzindo um maior impacto as opiniões dos pais e de outros significativos do que a opinião dos pares. No entanto, O'Neill et al. (1980) concluem, da sua investigação, que os adolescentes não tem qualquer percepção da influência dos seus pais no planeamento da sua formação/profissão, dando mais importância ao peso dos pares.

Esta constatação pode ser explicada pelo facto de esses estudos se terem realizado apenas com adolescentes. Como é sabido a adolescência é um tempo de transição para a idade adulta, onde o conflito entre pais e filhos é percebido, na maior parte das vezes, como um processo natural de diferenciação e individuação do adolescente em relação às figuras de vinculação, para possibilitar o investimento emocional fora da família e até mesmo para reconstruir vínculos mais adultos ou maduros com os pais (Soares & Campos, 1988). Assim sendo, o não reconhecimento das influências parentais por parte dos adolescentes

pode ser explicado pela relevância que estes dão à afirmação de si próprios e à sua independência/desvinculação das figuras significativas, sem que tal expressão tenha de corresponder à realidade sentida.

Youniss (1983) salientou que a investigação terá de conceptualizar a família não como uma realidade abstracta, mas como um sistema vivo que se co-constrói na abertura à sua própria identidade intra-sistémica e à realidade social, pelas interações que os seus elementos transaccionam para o sistema familiar. Neste sentido, a temática do desenvolvimento vocacional é conceptualizada como um processo de circularidade bidireccional de transacções entre pais e filhos, havendo uma inevitável influência parental neste domínio, como noutras áreas, mesmo que não existam intenções explícitas, por parte dos pais, para orientar os projectos dos filhos e que não haja percepções manifestas, por parte dos filhos.

Segundo Palmer e Cochran (1988), os próprios pais percebem-se como figuras significativas no desenvolvimento vocacional, pretendendo, inclusive, desempenhar um papel mais activo nas tarefas vocacionais dos seus filhos. Além disso, os filhos consideram que essa influência paterna é importante como fonte de ajuda no planeamento vocacional, solicitando essa opinião e considerando-a como a mais importante. Os pais são percebidos pelos filhos como fonte de apoio emocional e conselho nas várias problemáticas do seu desenvolvimento, como a vocacional, permanecendo como as pessoas mais admiradas e dignas de confiança dos adolescente.

O ambiente familiar como fonte de influência do desenvolvimento vocacional

Na linha das últimas investigações do final da década de 80, Young, Friesen, Turner e Johanna (1994) concluem dos seus estudos que o ambiente familiar tem um papel decisivo enquanto potencial facilitador ou cerceador da exploração do investimento vocacional. Brevemente apresentam-se as principais conclusões dos seus estudos, que se vêm realizando durante a última década.

Os contextos familiares que proporcionam

um clima de confiança, que comunicam abertamente os problemas emergentes do sistema familiar, que rendibilizam intencionalmente os momentos comuns de encontro familiar para atender às necessidades de cada um dos seus elementos e que garantem um suporte emocional seguro aos filhos, (nomeadamente nos momentos de moratória vocacional) favorecem, sem diferenciação de sexo, o desenvolvimento vocacional dos seus filhos.

Ou seja, estas famílias oferecem múltiplas oportunidades de exploração vocacional aos seus filhos, permitindo-lhes que assumam as suas decisões, quer seja em relação à escolha profissional quer em relação ao projecto de formação; e embora os acompanhem e os respeitem nessas escolhas, garantindo-lhes uma ampla autonomia, não deixam, no entanto, de os questionar sobre o realismo das suas opções, antecipando-lhes as possíveis consequências das suas decisões. Não adoptam práticas de socialização discriminativas em que se desvalorize o papel social da mulher, mas estimulam as suas filhas para a realização de comportamentos exploratórios fora do contexto familiar, ampliando-lhes as possibilidades de exploração vocacional.

Nestas famílias, os pais sentem que têm um papel significativo no desenvolvimento vocacional dos seus filhos e não querem abdicar deste direito, antes assumi-lo com uma maior intencionalidade; do mesmo modo, a representação dos filhos sobre o apoio dos pais ao longo do seu percurso vocacional é percebido como o mais importante e o mais seguro, sendo, por isso, intencionalmente solicitado (Palmer & Cochran, 1988).

Os ambientes familiares, cujo clima psicossocial é caracterizado por níveis de comunicação reduzidos, onde é notória a ausência de expressão de sentimentos e experiências, onde se registam frequentes situações de violência física, verbal ou até mesmo de abuso sexual, são limitadores do desenvolvimento vocacional.

Estas famílias tendem a adoptar práticas educativas diferenciadas no que se refere à identidade de género, interferindo e limitando os comportamentos exploratórios das raparigas, reforçando a desvalorização do papel feminino.

Quanto à sua configuração estrutural, estas famílias são pouco diferenciadas ou mesmo aglutinadas, sendo óbvia, a ausência de definição de fronteiras entre os vários subsistemas, proporcionando-se intromissões abusivas, que não garantem a privacidade e respeito pelos vários elementos do sistema familiar. Estes contextos são frequentemente marcados pela chantagem emocional, pela anestesia afectiva ou pela negligência dos significativos, gerando-se desestruturação familiar e abdicando-se dos valores e convicções de figuras de referência. É frequente a ausência das figuras de vinculação nas várias tarefas de desenvolvimento dos filhos (mais frequentemente a figura paterna), em claro contraste com o modelo anterior, onde pai e mãe estão envolvidos no apoio emocional nas diversas áreas da vida. Nestes contextos familiares, os filhos percebem como irrelevante a influência dos pais nos seus projectos vocacionais, valorizando, com maior acuidade, as influências dos pares e das experiências exploratórias realizadas fora do contexto familiar.

Assim, pode concluir-se que o ambiente familiar tem uma influência significativa no comportamento de exploração vocacional e que existem famílias que, na sua auto-organização, facilitam essa exploração e outras que a inibem ou, pelo menos, a restringem. As famílias com níveis de complexidade e diferenciação elevadas tendem a ser abertas, lidando de forma construtiva com os vários desafios que surgem ao longo do ciclo vital, encarando-os com um processo contínuo de superação de transições, que poderão conduzir a novos desenvolvimentos qualitativamente majorantes. Pelo contrário, as famílias com níveis pouco complexos de desenvolvimento, tendem a ser fechadas, rigidificadas e autoritárias, tendo dificuldades de comunicar experiências e emoções e não facilitando o desenvolvimento dos vários elementos do sistema (Costa, 1994).

Conclusão

Embora a síntese apresentada não seja uma revisão exaustiva da literatura sobre o domínio

da influência parental no desenvolvimento vocacional, coloca a questão da pertinência de se incentivarem investigações em quantidade e qualidade sobre o impacto dos contextos relacionais sobre os projectos de vida dos sujeitos.

Apesar de as muitas investigações realizadas terem atribuído à família, nomeadamente aos pais, uma importância no desenvolvimento vocacional, os processos pelos quais essa influência ocorre continua a não ser percebida, em virtude dos estudos, predominantemente sociológicos, terem carecido de uma perspectiva psicológica, centrando-se de forma preferencial nos produtos finais da escolha e esquecendo que esta influência é mais recíproca e transaccional do que unidireccional; ou seja entre a polarização unidireccional do "tudo pessoal" (intrapessoal) ou do "tudo social" (extrapessoal) situa-se o espaço relacional interpessoal da experiência humana, sob formas de encontros, vinculações e experiências que influencia o desenvolvimento vocacional (Campos, 1992), para o qual valerá a pena dirigir as atenções da investigação.

Por fim, a partir desta perspectivização do desenvolvimento vocacional poder-se-ão extrair algumas ilações com vista à construção e implementação de intervenções no âmbito vocacional. As mais comuns, neste domínio das escolhas, têm-se centrado, quase exclusivamente, ao nível do sistema pessoal; esta reconceptualização do problema faz apelo à intervenção nos contextos de vida a que se tem mais acesso, nomeadamente ao nível do microsistema família, em ordem a proporcionar aos adolescentes e jovens um contexto securizante, facilitando-lhes oportunidades, experiências e apoios qualificados nesta área do desenvolvimento psicológico e transformando a família em agente activo do desenvolvimento vocacional.

Bibliografia

- Ainsward, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Block, J.H. (1983). Differential premises arising from differential socialization of the

sexes: Same conjectures. *Child Development*, 54, 1335-1354.

Blustein, D.L., Devenis, L.E., & Kidney, B.A. (1989). Relationship between the identity formation process and career development. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 196-202.

Blustein, D.L., Walbridge, M.M., Friedlander, M.L., & Paladino, D. (1991). Contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Psychology*, 38, 39-50.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.

Campos, B., & Coimbra, J. (1991). Consulta Psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.

Campos, B. (1992). Informação na orientação Profissional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 5-16.

Costa, M. E. (1994). *Intervenções psicológicas em transições familiares: Divórcio, monoparentalidade e recasamento*. Porto: Ed. Asa.

Farmer, H.S. (1980). Environmental background and psychological variables related to optimizing achievement and career motivation for high-school girls. *Journal of Vocational Behavior*, 17, 58-70.

Farmer, H.S. (1985). Model of career and achievement motivation for women and men. *Journal of Counseling Psychology*, 32, 363-390.

Fitzgerald, L.F., & Betz, N.E. (1983). Issues in the vocational psychology of women. In W. B. Walsh, & S. H. Osipow (Eds.), *Handbook of vocational psychology*, Vol. I. Hillsdale, NJ: LEA.

Gottfredson, G.D. (1981). Circumscription and compromise: a developmental theory of occupational aspirations. *Journal of Counseling Psychology*, 28, 545-579.

Grotevant, H., & Cooper, C. (1985). Patterns interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56, 415-418.

Grotevant, H., & Cooper, C. (1986). Individuality in family relationship. *Human Development*, 28, 82-100.

Grotevant, H., & Cooper, C. (1988). The

role family experience in career exploration: A life span perspective. In P. Baltes, D. Featherman, & Lerner (Eds.), *Life Span development and behavior*. New Jersey: LEA, pub., 231-253.

Hartup, W.W. (1979). The social worlds of childhood. *American Psychologist*, 34, 944-950.

Hoffman, L.H. (1979). Maternal employment. *American Psychologist*, 34, 859-865.

Imaginário, L. (1990). Desenvolvimento vocacional. In B. Campos (Ed.), *Psicologia do desenvolvimento e educação dos jovens*, Vol. II. Porto: Ed. Universidade Aberta (cap.10).

Lopez, F.G., & Andrews, S. (1987). Career indecision: A family systems perspective. *Journal of Counseling and Development*, 65, 304-307.

O'Neil, J. M., Ohlde, C., Tollefson, N., Barke, C., Piggott, T., & Watts, D. (1980). Factores, correlates, and problem areas affecting career decision making of a cross-sectional sample of students. *Journal of Counseling Psychology*, 27, 571-580.

Palmer, S., & Cochran, L. (1988). Parents as agents of career development. *Journal of Counseling Psychology*, 35, 71-76.

Schulenberg, J., Vondracek, F., & Crouter, A. (1984). The influence of the family on vocational development. *Journal of marriage and the family*, 46, 129-143.

Sebal, H.C. (1986). Adolescents shifting orientation towards parents and peers: a curvilinear trend over recent decades. *Journal of Marriage and the Family*, 48, 5-13.

Smith, E. J. (1983). Issues in racial minorities' career behavior. Issues in the vocational psychology of women. In W. B. Walsh & S. H. Osipow (Eds.), *Handbook of vocational psychology*, vol. I. Hillsdale, NJ: LEA.

Soares, I., & Campos, B. (1988). Vinculação e autonomia na relação dos adolescentes com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64.

Vondracek, F., Lerner, R., & Schulenberg, J. (1986). *Career development: A life-span development approach*. New Jersey: LEA, pub. (cap.3).

Super, D. E. (1980). A life Span, life space approach to career development. *Journal*

Vocational Behavior, 16, 282-296.

Young, R. (1983). Career development of adolescents: An ecological perspective. *Journal of youth and adolescence*, 12, 5, 40-417.

Young, R. (1994). Helping adolescents with career development: The active role of parents. *Career Development Quarterly*, 43, 195-203.

Young, R., & Friesen, J. (1990). Parental influences on career development: a research perspective. In R. Young, & W. Borgen (Eds.), *Methodological approaches to the study of career*. New York: Ed. PREGGER, (pp. 149-158).

Young, R., & Friesen, J. (1992). The intentions of parents in influencing the career development of their children. *Career Development Quarterly*, 40, 198-207.

Young, R., Friesen, J., Turner, H., & Johanna, T. (1994). *Facilitative and no facilitative family environment and their effects on career choice*. Report of research funded by the social Sciences and Humanities Research Council of Canada (não publicado).

Youniss, J. (1983). Social construction of adolescence by adolescents and parents. In H. Grotevant, & C. Cooper (eds), *Adolescent Development in the Family*. New Directions for Child Development. Jossey Bass.

Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mother, father and friends*. Chicago: Chicago University Press.

Résumé

Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. L' influence du climat de la famille sur le développement vocationnel. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 1994/95, 43-51. En partant d'un abordage écologique du développement et d'une conceptualisation du développement vocationnel comme processus d'exploration reconstructive de la relation d'investissement du sujet avec le monde, on prétend vérifier l'importance de l'influence du contexte familial sur le développement vocationnel des jeunes. On présente la synthèse des conclusions des recherches dans ce domaine, en soulignant les résultats les plus importants de ces études et, simultanément, en indiquant les limitations sur la problématique en débat. On avance quelques unes des dimensions qui configurent le climat

psychosocial de la famille qui facilite le processus d'exploration vocationnelle, en proportionnant les expériences, contacts et interactions familiales significatives, susceptibles d'aider les jeunes à affronter et transformer la relation actuelle avec le monde pour la reconstruction de leurs investissements vocationnels.

Abstract

Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. The psychosocial climate influence of the family in adolescents career development. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 1994/95, 43-52. Assuming an ecological-development mo-

del and conceiving career development as a process reconstructive exploration, the authors analyze the relationship of family climate with youngsters career development. A research review over familys influence enables the identification of the most relevant results and, simultaneously, of the major limits of existing studies. Additionally, some dimensions of family climate are hypothesized as facilitators of vocational exploration, by promoting relevant experiences, contacts and interactions that might help the adolescent to question and eventually come transform his/her current relationship with the world, thus reconstructing his/her vocational commitment.